

APRESENTAÇÃO - GENEALOGIAS, GÊNERO E MEMÓRIA NA LITERATURA MUNDIAL

É com grande satisfação que a REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS apresenta seu mais recente volume, o número 35 de 2023, dedicado ao tema "**Genealogias, Gênero e Memória na Literatura Mundial**". Este número já consolidado reúne uma seleção de trabalhos que exploram profundamente as intersecções entre genealogia, gênero e a construção de memórias em textos literários, destacando as vozes que se posicionam às margens das narrativas dominantes. A edição visa não apenas iluminar estas narrativas, mas também celebrar a diversidade e a complexidade das identidades que moldam as sociedades contemporâneas.

Neste volume, os leitores encontrarão artigos que abordam desde estratégias discursivas até a conformação de espaços autobiográficos em literaturas do século XX e contemporâneas. Os autores selecionados oferecem perspectivas inovadoras e críticas sobre como as obras literárias servem como arenas para a negociação de memórias pessoais e coletivas, questionando e reconfigurando as heranças culturais e identitárias. Estes estudos incorporam análises que vão desde teorias de gênero e estudos culturais até abordagens pós-coloniais, demonstrando como a literatura é um campo fértil para o questionamento e a reinvenção de conceitos estabelecidos.

Através desta publicação, a REVELL continua a afirmar seu compromisso com a promoção de um debate literário crítico e abrangente, proporcionando aos leitores acesso a uma rica troca de ideias sobre o papel da literatura no entendimento e na transformação das realidades sociais. Convidamos todos a mergulharem nas páginas deste volume para desfrutar de um diálogo literário que promete ser tanto desafiador quanto inspirador, refletindo o dinâmico campo dos estudos literários contemporâneos.

No texto de abertura, intitulado **A Alterficção em *Negro disfarce*, de Oswaldo de Camargo**, Ricardo Silva Ramos de Souza analisa os desafios de um jovem negro em *Negro Disfarce*, de Oswaldo de Camargo. Através da narrativa autoficcional, Camargo revisita e

reinventa o passado, refletindo a complexidade das experiências dos personagens. A análise destaca a liberdade literária na criação de uma alterficção negra.

Já em "**A ponte nos unindo ao passado**": **História Pública, Memória e Literatura**, Patrícia Giselia Batista examina *Maria Clara* (1978), de Nazinha Coutinho, abordando a transição dos costumes da elite rural para a industriária. A pesquisa destaca a luta pela autonomia feminina através da memória histórica e social. A autora explora a relação entre memória, história pública e escrita feminina.

Na sequência no artigo **A descoberta do frio: testemunho e trauma coletivo do racismo na narrativa de Oswald de Camargo**, Carlos Ferreira analisa *A descoberta do frio*, de Oswald de Camargo, focando na relação entre testemunho e trauma coletivo do racismo. Utilizando conceitos pós-coloniais, a pesquisa investiga a representação literária da violência colonial. A obra de Camargo desafia as verdades oficiais e destaca a importância da memória coletiva dos negros.

No artigo **A Longa Carta de Mariama Bâ e a Escrita de Si**, Alexandra Almeida, Goiandira Ortiz de Camargo e Philippe Humblé analisam "Une si longue lettre" de Mariama Bâ, destacando como a protagonista utiliza a escrita para refletir e redefinir sua vida, evidenciando o papel terapêutico e transformador da escrita introspectiva. Segue-se **A Loucura e a Fome em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus**, em que Anselmo Peres Alós explora a visceralidade da fome e suas consequências psicológicas em "Quarto de Despejo", destacando a relação entre fome e loucura.

Frederico Dias Rosa Alves Teixeira, em **A Polifonia Literária Bakhtiniana: Uma Leitura de Caim, de José Saramago**, investiga a aplicação da teoria da polifonia de Bakhtin ao *Caim* de José Saramago, argumentando que o romance se organiza de forma monológica, desafiando as definições bakhtinianas. Leticia Pereira de Andrade Maia apresenta **Autobiografias de Mulheres: Meu Estranho Diário e Aprendendo a Viver**, um estudo comparado que revela vozes femininas frequentemente silenciadas, destacando a resistência e identidade nas obras de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector.

Em **Conexões entre Autor e Narrador-Protagonista: Autoficção em Essa Gente, de Chico Buarque de Holanda**, Maria Jodailma Leite e Leila Cristina de Melo Darin exploram as interseções entre a vida do autor e a narrativa em *Essa Gente*, destacando a ironia e ambiguidade presentes na obra. **De Filha a Mãe, de Volta a Filha: Linea Nigra, de**

Jazmina Barrera, por Guilherme Belcastro de Almeida, analisa a intersecção entre filiação e maternidade na narrativa, explorando a complexa relação entre gerações.

Experiência, Narrativa e Testemunho: Apontamentos a Respeito de *Olualê Kossula*, de Zora N. Hurston, e *Perder a Mãe*, de Saidiya Hartman, de Vitor Soster, aborda a interação entre narrativa e experiência pessoal, destacando a perspectiva feminina na reconstituição de imagens históricas. **Los Finales del Yo: La Poesía de Alfonsina Storni y la Educación Literaria a Través de las Figuras del Suicidio**, por Elia Saneleuterio e Emilie L. Bergmann, examina como o suicídio de Storni influencia a interpretação de sua obra, enriquecendo a compreensão da poesia através de símbolos e metáforas.

No artigo **Mini(Auto)biografias: Breves Relatos de Vidas Insurgentes**, Fabrício Brandão Amorim Oliveira examina as mini(auto)biografias publicadas na revista digital Ruído Manifesto, destacando a identidade e resistência de sujeitos minoritários. A pesquisa revela como as escritas do "eu" contribuem significativamente para a construção identitária e a denúncia de violências sofridas.

Segue-se o artigo de Michelly Cristina Lopes, **O Abandono do Mito da Mãe-Preta nas Obras de Conceição Evaristo**, que discute como Conceição Evaristo desconstrói o mito da mãe-preta, desafiando estereótipos eurocêntricos e reafirmando a maternidade negra através de sua escrita.

Vinícius Amarante Nascimento e Edwirgens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida, no trabalho **O Desabrochar da Vida numa Perspectiva Literária: Representações da Infância e Juventude de Dona Beja**, analisam *A vida em flor de Dona Bêja*, de Agripa Vasconcelos, investigando as representações de gênero e as desigualdades históricas do século XIX.

Em **O Relato Epistolar de Transformação e Liberdade da Mulher Negra em *A Cor Púrpura*, de Alice Walker**, Anna Clara do Nascimento Meneses e Michelle Andressa Alvarenga de Souza exploram como a escrita epistolar na obra de Alice Walker é usada como um instrumento de resistência e transformação, destacando as violências de gênero e raça enfrentadas pela protagonista.

Raíza Hanna Milfont, no artigo **Os Diversos Eus na Escrita de Si Híbrida de Patrícia Galvão**, examina *Paixão Pagu: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, focando na complexidade da escrita de si que mescla formas de carta, diário e autobiografia.

Ella Ferreira Bispo, em **Perspectivas sobre Um Defeito de Cor**, analisa o romance *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves, discutindo o racismo e a construção da identidade negra com uma perspectiva crítica apoiada por teóricos como Achille Mbembe e Grada Kilomba. Já Selma de Carvalho Leão e Raquel da Silva Ortega, no artigo **Ponciá Vicêncio e Perro Viejo: memórias da escravização**, comparam as obras de Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo, evidenciando como a literatura pode reviver e discutir as memórias da escravização.

Izandra Alves e Aryeli de Oliveira da Costa Ortiz, em **Preta Ferreira: A Prisão como Quarto de Despejo**, utilizam *Minha Carne*, de Preta Ferreira para discutir o racismo estrutural e a luta por direitos através da escrita diarística.

Giovanna de Oliveira Duarte e Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari, no estudo **"Somos a Nossa Herança": romance de filiação e memória geracional em Com armas sonolentas e Voyage in the Dark**, exploram como esses romances discutem identidade e ancestralidade.

Deize Crespim Pereira, em **Textos Autobiográficos de Leo Hamalian: Memória e Identidade Cultural Armênia**, analisa as memórias de infância e a identidade cultural armênia, refletindo sobre o impacto do genocídio armênio na vida do autor.

Encerrando o número, Marília Santanna Villar, em **Unidade e Pluralidade do Personagem Autoficcional nas Obras do Escritor Belga André Baillon**, discute a complexidade da autoficção na obra de Baillon, utilizando conceitos de teóricos como Serge Doubrovsky e Régine Robin para explorar a narrativa.

Boa Leitura!

Brígida Manuela Pastor

Fernanda Aparecida Ribeiro

Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari

Andre Rezende Benatti